

Marina Schietti

A criação

AMOSTRA



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

## SUMÁRIO

*Introdução, 15*

*Capítulo 1: Apresentação de gênesis 1,1–2,4a: ambiente em que o tov é utilizado, 21*

1.1 Aspectos gerais do livro de gênesis, 22

1.2 Delimitação de gênesis 1,1–2,4a, 29

1.3 A autoria e contexto de produção de gênesis 1,1–2,4a, 34

1.4 Gênesis 1,1–2,4a como um texto mitológico, 48

1.5 O enuma elish e sua influência em gênesis 1,1–2,4a, 59

1.6 Apontamento à teologia subversiva proposta em Gn 1-2,4a, 72

*Capítulo 2: E viu deus que era bom: compreendo o tov em gênesis 1,1–2,4a e sua presença no antigo testamento, 89*

2.1 Pesquisas sobre tov, 100

2.2 Principais significados do uso do tov, 111

2.2.1 Bem-estar, 111

2.2.2 Valor econômico, 113

2.2.3. Reputação, 117

2.2.4. Praticar o bem, 121

2.2.5. Estética, 123

2.3 Tov associado a javé, 125

*Capítulo 3 : A síntese de tov como justiça, dignidade e harmonia, 131*

- 3.1 Justiça como síntese do bom da criação, 133
- 3.2 Dignidade como concretização da justiça, 151
- 3.3 Harmonia como o reflexo do divino, 169

*Capítulo 4: Tov como referência para a vida contemporânea: ressignificações, 185*

4.1 O caos na contemporaneidade: dilemas estruturais, 186

4.2 O Caos na contemporaneidade: dilemas pessoais, 200

4.3 Tov como paradigma para uma sociedade plena , 208

4.3.1 Aplicações de tov para o alcance da justiça, 211

4.3.2 Aplicações de tov para o alcance da dignidade, 220

4.3.3 Aplicações de tov para o alcance da harmonia, 228

*Conclusão, 233*

*Referências, 243*

## INTRODUÇÃO

O presente livro é fruto do projeto apresentado em 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Teologia em nível de Doutorado, junto à Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nele, expressava-se a inquietude desta pesquisadora frente às lacunas encontradas nos comentários bíblicos e outros textos teológicos sobre a narrativa da criação. Percebendo que o mito da criação não se trata de uma teoria antagônica à ciência, tampouco de um texto jornalístico que noticia o surgimento do mundo em dados exatos, assim como também não é um texto contínuo que começa no primeiro e termina no terceiro capítulo (com o poder do ser humano de destruir a obra de Deus), perguntou-se: De que exatamente fala o mito hebreu da criação? Essa pergunta deu luz a uma outra pergunta: O que há de bom no “bom” da criação?

A inquietude e a curiosidade que trouxeram o primeiro texto de Gênesis ao centro, vieram acompanhadas de uma atenção especial ao “bom”, *tov*, expressão recorrente no texto, e que fez dele o objeto central da pesquisa que se desenvolveu. Os objetivos específicos, portanto, foram: 1) compreender o ambiente de surgimento da narrativa da criação; 2) analisar o significado do *tov* dentro da narrativa; 3) pesquisar qual o sentido bíblico de *tov*; 4) refletir sobre o significado de *tov* como justiça, dignidade e harmonia na criação; 5) apontar o *tov* como um modelo de vida também para contemporaneidade.

A hipótese que se levantou é a de que o “bom” da criação é a representação do que é necessário e, ao mesmo tem-

po, suficiente para guiar a vivência plena do ser humano como um modelo sustentável de vida, aplicável a todos os povos do planeta. A tese que se propõe, ao mostrar-se válida a hipótese, é de que o *tov*, comumente lido numa perspectiva moralista e adjetiva, deva ser lido para além de uma teologia reducionista, como uma realidade concreta proposta por seus autores, uma alternativa à sociedade imperialista em que viviam. Ou seja, defende-se a indispensável compreensão do *tov* baseado nas práticas da justiça, da dignidade e da harmonia, que irão viabilizar a concretude dessa nova realidade, de um novo modo de ser e de olhar para o mundo.

Importante ressaltar, desde já, que o intuito da pesquisa não é de realizar uma exegese do texto de Gênesis 1,1–2,4a, como se verá ao longo do livro. Mas sim, a partir das bibliografias disponíveis sobre a perícopos, com apoio de outras áreas do saber como a literatura, história e filosofia, encontrar os significados do *tov* e, a partir de uma metodologia qualitativa, propor uma releitura do texto para o nosso tempo, com respeito aos significados no tempo em que originou-se.

O livro foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles apresenta o ambiente de construção da narrativa, explorando as pesquisas a respeito da autoria e datação do mito e das influências sofridas na construção do texto. O segundo capítulo, por sua vez, se dedica à compreensão de *tov* a partir dos dicionários e léxicos, assim como de possíveis comentários que pudessem existir sobre o termo no texto de Gênesis 1,1 – 2,4a, estendendo-se até os usos do termo em outros textos do Antigo Testamento. Já no terceiro capítulo, propõe-se uma síntese dos principais significados de *tov*: justiça, dignidade e harmonia. Por fim,

no quarto capítulo, apresenta-se uma análise do caos da contemporaneidade e propõe-se um caminho alternativo para a vivência humana global em que *tov* sirva como paradigma.

Especificamente em seu andamento, a pesquisa buscou trilhar um caminho em que fosse possível compreender a repetição de *tov* em Gênesis 1,1–2,4a, que acontece sete vezes, de forma ampla e não individualmente, enquanto adjetivação de cada elemento desconexo do todo. O ambiente em que *tov* está envolvido é a de um texto mitológico que possui conteúdo denso, que carrega em si as marcas da realidade concreta de onde surgiu, e que propõe uma mensagem não apenas de sobrevivência, mas de vida. Portanto, suas palavras são certamente escolhidas com cuidado, a fim de passar a mensagem desejada. A repetição do termo, dese modo, não pode ser ignorada, e serve-nos como um tempero que realça o sabor da comida. Cada elemento criado na narrativa tem sua importância, mas, para além disso, através de *tov*, os elementos se reúnem e se harmonizam, dando vida ao texto.

Ao ampliar os horizontes na busca do significado de *tov*, percebe-se em suas conceituações a presença de significados como igualdade, suficiência, contemplação dos pequenos detalhes, práticas que viabilizam as mais diversas relações e uma total sintonia entre o que está sendo criado e o criador. No entanto, observou-se que a totalidade dos autores e suas respectivas obras, no que se refere especificamente ao texto de Gn 1,1–2,4a, não apresenta preocupação com a presença insistente de *tov*, limitando-se a pequenas frases sobre sua aparição apenas em seu sentido estético, de beleza e de aprovação da parte de Deus como oposição ao que desaprova. Para que a tese se firmasse e se mostrasse provável, as seções seguiram da seguinte forma:

No capítulo 1 foi apresentada uma pesquisa sobre os aspectos gerais do livro de Gênesis, trazendo as discussões sobre sua composição, seus aspectos literários, suas motivações e seu lugar na obra do pentateuco. Nele, também é feita uma justificativa para delimitação da perícopé em Gênesis 1,1–2,4a, demonstrando que a narrativa da criação em Gênesis 2,4b em diante é diversa tanto em autoria quanto em contexto. Com o foco voltado para o texto em questão, ora delimitado, passou-se ao *Sitz im Leben*<sup>1</sup> da narrativa. Para isso, foram apresentadas as pesquisas recentes sobre datação e autoria em conjunto com uma exposição do seu ambiente de criação.

Levando em conta os resultados obtidos, o capítulo seguiu com uma pesquisa sobre o mito e sua função social, aplicado ao contexto em que viviam os autores da narrativa. Apontado como um contramito babilônico, propôs-se a análise do mito babilônico da criação, o *Enuma Elish*, percebendo suas influências na construção do mito hebraico. Para deixar clara a relação entre os textos e a mensagem que a narrativa da criação oferece ao seu povo, foram feitos apontamentos das aproximações contidas em ambos os relatos.

Nesse tópico, encontra-se um comparativo entre os aspectos de ambos os mitos criacionais, demonstrando que cada elemento criado em Gênesis 1 possui um significado na mitologia babilônica, na maioria das vezes com implicações negativas, de guerras, sangue, excesso de poder, castigo etc. São esses mesmos elementos presentes em Gênesis 1 que são, na obra criadora de Deus, considerados bons, muito bons!

1 *Sitz im Leben* é uma expressão alemã comumente utilizada na exegese de textos bíblicos. Geralmente é traduzida por “contexto vital”.

No capítulo 2, a pesquisa concentra-se especificamente no significado do termo traduzido como “bom” nas Bíblias em português. A pergunta que conduz o capítulo é: o que significa *tov*?

O capítulo, portanto, propõe um estudo que vai desde a origem, com a raiz *tb* ou *twv*, até seu uso mais tardio nos demais textos do Antigo Testamento. Para isso, foram utilizados dicionários e léxicos, assim como o *software* Bible-Works. O capítulo segue com um levantamento dos textos do Antigo Testamento que utilizam o *tov*, analisando seus possíveis significados dentro destes textos como forma de perceber o que os redatores e ouvintes costumavam compreender com o uso da palavra. Nesse sentido, percebeu-se e desenvolveu-se os principais significados associados ao *tov* no Antigo Testamento. Cinco principais significados foram propostos: bem-estar, valor econômico, reputação, praticar o bem e estética.

Para aprofundar o elo entre o *tov*, como um sinônimo de justiça, dignidade e harmonia, enquanto síntese dos principais significados ora mencionados, o capítulo 3 apresenta os conceitos teológicos de justiça, dignidade e harmonia, fazendo a conexão com o significado de *tov*. Através disso, revela-se como as definições propostas pelas diferentes áreas e, também, o senso comum, estão distantes de uma conceituação que dê conta da profundidade e do impacto das terminologias no âmbito social e pessoal. É certo que, em cada contexto, os termos podem receber significados diferentes, mas esses significados dizem respeito à forma da linguagem, devendo manter um sentido primário e original, com essência e valor inalterável. Desse modo, requer-se na teologia uma conceituação que se comunique com a mensagem evangélica da Bíblia, especialmente na

busca de um significado que forneça bases sólidas e seguras à hipótese apresentada.

Portanto, no referido capítulo, a partir de um viés bíblico-teológico, a justiça é proposta como síntese do que é bom na narrativa da criação, assim como para a concretização da justiça traz-se a necessidade da vivência e da promoção da dignidade humana em todas as esferas da estrutura social. É através da concretude desses elementos sociais da justiça e da dignidade que se encontra a harmonia. Nesse ponto da pesquisa, pretendeu-se demonstrar também qual a importância da harmonia na vivência concreta do plano criacional.

Por fim, o capítulo 4 propõe uma análise dos principais dilemas vividos pelas sociedades contemporâneas, tanto no ambiente social quanto particular. O capítulo apresentou os problemas expostos por teólogos, sociólogos e historiadores que retratam os efeitos do capitalismo e da globalização na vida humana. Para tornar clara a aplicabilidade da mensagem bíblica, à luz do *to v*, propôs-se uma aproximação do contexto do texto e do cenário global atual. O objetivo foi que, após isso, uma releitura de Gênesis 1,1–2,4a fosse proposta como paradigma para um modelo de vida em que a justiça, a dignidade e a harmonia estejam plenamente presentes.

Ao final do livro, apresenta-se a conclusão com apontamentos de possíveis desdobramentos que a leitura do texto a partir do *to v* pode gerar.

## CAPÍTULO 1

### APRESENTAÇÃO DE GÊNESIS 1,1-2,4A: AMBIENTE EM QUE O TOV É UTILIZADO

Este primeiro capítulo propõe uma exposição do *Sitz im Leben* de Gênesis 1,1-2,4a, no qual se encontra o termo hebraico טוב -*toṽ*, traduzido como “bom” nas versões brasileiras. Tendo como alvo uma teologia bíblica que faça sentido ao possível propósito autoral do texto, o objeto central de investigação e aplicação neste livro se fará dentro de seu possível contexto de produção, levando em conta as particularidades que se pode conhecer de seu ambiente.

Para além do uso da história, da arqueologia e dos comentários bíblicos, pretende-se, também, ao longo deste capítulo, uma abertura às contribuições literárias, com apontamentos obtidos por meio das análises narratológicas do texto. Assim, busca-se o sentido do texto por meio do estudo das combinações de estilos que nele se encontram, quais sejam, nas palavras de Brett (2005, p. 1), os estilos “mais antigos de erudição histórica com um pastiche de narratologia, crítica orientada para o leitor, antropologia, o chamado Novo Historicismo e estudos pós-coloniais”. A ideia, com isso, é permitir um diálogo com o texto, assumindo-o como produto de uma gama de perguntas pré-existentes, tanto em seus autores quanto em seus leitores. São preocupações contextuais e estruturais carregadas de interpretações que esperam do texto algum ensinamento enriquecedor capaz de ser enraizado pelo leitor (RORTY, 1992).

### 1.1 Aspectos gerais do livro de gênesis

Inicialmente, cabem algumas considerações sobre esse primeiro livro bíblico. Gênesis é a tradução de uma expressão grega que tem por significado “o livro das gerações” ou “livro das origens”. Entretanto, não se pretende com ele realizar um tratado científico sobre as origens humanas em si e suas espécies evolutivas, mas sim apresentar a narrativa elaborada pelo povo de Israel, num determinado contexto sócio-histórico, para descrever suas origens, buscando um lugar de dignidade entre outras narrativas de outros povos. Portanto, como adverte Arens (2011, p. 19), é preciso diferenciar uma leitura histórico-científica sobre a humanidade, da leitura que se faz do referido livro bíblico. Como narração teológica, ele contém o ponto de vista de fé do seu narrador, além de sua cultura, seus conceitos, sua cosmovisão, e todas as crenças ali envolvidas.

O primeiro livro que abre as Escrituras é, portanto, como propõe Von Rad (1982), um processo de configuração literária das narrações poéticas ou culturais que, até aquele momento, o da escrita, estavam na boca do povo, transmitindo-se oralmente e sem ligação cronológica ou histórica.

Mesters (*apud* ARENS, 2011, p. 27) afirma que, de uma maneira geral, “o objetivo da Bíblia não é tanto, em primeiro lugar, relatar sobre o que aconteceu, mas relatar o que estava acontecendo na vida dos leitores”, tendo em vista o desejo de, a partir do texto, responder às demandas da realidade em que viviam. Entretanto, faz-se necessário, e é honesto com o texto, também buscar pelo contexto de surgimento da obra, contemplando não apenas a vida dos leitores primários, mas antes a de seus redatores que, ao que tudo indica, viveram o exílio babilônico. Desse modo, tanto o período exílico quanto o momento de recepção do mito criado no período pós-exílico com a dominação persa, são necessários à extração de uma teologia coerente com a sua origem

e aplicável aos nossos tempos. O livro busca compreender as motivações daqueles que deram origem ao mito e, também, os interesses e motivações daqueles que deram sequência a ele, fazendo-o permanecer entre os escritos sagrados.

Com relação ao significado do texto para seus leitores, situados no período pós-exílio, Brett (2005) considera-o como um texto hebraico sobrevivente por ter em vista uma resposta direta às problemáticas da política persa do século V AEC, período em que o judaísmo se torna oficial. Encontrar no texto de Gênesis um guia ou uma liturgia de esperança, fez com que o texto continuasse sendo utilizado pelos israelitas, eternizando-se como parte dos escritos sagrados. Para ele, o texto de Gênesis é claramente uma contestação demonstrada através da “diversidade de suas influências culturais, em sua representação de relações étnicas e em suas inúmeras narrativas que questionam explícita e implicitamente as autoridades políticas da época” (BRETT, 2005, p. 4).

Concordando com a ideia de que Gênesis é um texto que nasce e se consolida em um contexto anti-imperial — ou seja, em contraposição ao Império Babilônico, onde se origina, e ao Império Persa, no qual sua leitura parece ser fortalecida durante o período do exílio e pós-exílio —, o rabino Jonathan Sacks (2014), em seu artigo sobre o primeiro livro da Torá, afirma tratar-se de um compêndio contra as ideias de domínio, poder e exploração, que subjagam um povo ou grupo em benefício de outro. Em suas palavras, temos que:

O que exatamente está sendo dito no primeiro capítulo da Torá? A primeira coisa a notar é que não é um enunciado independente, um relato sem contexto. Na verdade, é uma polêmica, um protesto, contra uma certa maneira de entender o universo. Em todos os mitos antigos, o mundo foi explicado em termos de

batalhas dos deuses em sua luta pelo domínio. A Torá descarta essa maneira de pensar total e completamente. Deus fala e o universo surge. Isso, de acordo com o grande sociólogo do século XIX, Max Weber, foi o fim do mito e o nascimento do racionalismo ocidental. Mais significativamente, criou uma nova maneira de pensar sobre o universo. Central tanto para o mundo antigo do mito quanto para o mundo moderno da ciência é a ideia de poder, força, energia. Isso é o que está significativamente ausente de Gênesis 1. Deus diz: “Que haja”, e há. Não há nada aqui sobre poder, resistência, conquista ou o jogo de forças. Em vez disso, a palavra-chave da narrativa, aparecendo sete vezes, é totalmente inesperada. É a palavra *tohu*, bom. (SACKS, 2014, p. 2).

Nas afirmações de Brett (2005, p. 5), claramente os editores finais de Gênesis, situados no contexto de domínio persa, se propõem a minar o etnocentrismo teologicamente legitimado na reforma política pós-exílica, a exemplo do que se encontra explicitado nos livros de Esdras e Neemias. Portanto, a leitura de Gênesis, a partir da resistência às políticas etnocêntricas separatistas, justifica a sobrevivência ou o resgate de mitologias tão antigas que trazem a origem de Israel paralela à origem de todos os seres humanos, incluindo todos os grupos e gêneros, de forma igualitária, ao propósito divino.

Além disso, é preciso considerar a extensão de Gênesis para além das questões humanas em si. Gênesis ultrapassa a barreira, incluindo elementos necessários à sobrevivência humana. Por isso, não é apenas uma defesa teológica em prol de todo o ser humano enquanto corpo físico, mas é, também, uma defesa de toda a terra e da maneira em que se deve viver nela, consideran-

do as questões econômicas, de domínio e exploração da terra e dos animais, através das quais a vida se torna possível ou não.

A leitura de Gênesis, a partir dessas declarações, torna-se uma leitura teológica de contramito e contracultura, que declara sua posição humanitária, social e econômica. Por isso, pode ser descrita em uma leitura de anti-domínio, anti-exploração e decolonial.<sup>1</sup>

Não há dúvidas que ao longo das edições do texto de Gênesis, que contém diversos autores e editores, como se verá adiante, parte deles tinham contato ou foram manipulados por aqueles que representam a cultura e a política segregacionista/xenófoba desenvolvida no pós-exílio, que ficou conhecido como reforma de Esdras e Neemias. Contudo, acredita-se “que os editores finais organizaram seus materiais de modo a excluir essa possibilidade. Como, no entanto, os editores estavam questionando a ideologia oficial dos governadores imperiais, a oposição teve que ser formulada com extrema sutileza” (Brett, 2005, p.8).

Com relação à leitura atual do texto, para viabilizá-la como um texto antigo carregado de teologia, de forma que ele também se aplique às demandas atuais, é preciso aplicar a distinção entre o que o texto significava em todos os períodos já elencados, como se vem demonstrando nos parágrafos anteriores, e o que o texto pode significar agora; distinção defendida por Krister Stendahl aproximadamente em 1962, ao publicar seus estudos sobre teologia bíblica contemporânea, nos quais diferencia, respectivamente, a “tarefa descritiva” e a “questão de hermenêutica” (*apud* MOBERLY, 2009, p. 12). A pesquisa aqui exposta contemplará ambas as etapas. Porém, neste primeiro capítulo o foco recai sobre a tarefa descritiva.

1 Sobre o texto como uma defesa da política imperialista de seu tempo, ler SCOTT, J. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*, New Haven: Yale University Press, 1990.

Galvagno e Giuntoli (2020, p. 18) aduzem que o livro de Gênesis, em relação aos demais textos do Pentateuco, é “visivelmente o livro mais volumoso” e, conseqüentemente, mais rico em detalhes e com mais espaço para a busca da teologia que formou a fé do povo de Israel e, por isso mesmo, podemos acrescentar, é um dos que mais necessita de atenção. Apesar de, em uma leitura superficial, Gênesis parecer tratar de um texto linear, cronológico e muito bem encaixado, ele é o oposto de tudo isso. Trata-se de uma junção de diversas narrações que trazem olhares diferentes sobre as origens, a partir de diferentes contextos e experiências.

Segundo afirma Ska (2012, p. 3), ao introduzir uma leitura crítica do texto, Gênesis se apresenta como “uma coleção de contos populares”. Por isso, esse livro não cabe no gênero literário da historiografia. Além disso, baseado nos estudos de Gunkel, Ska (2012, p. 3) afirma ser muito claro que o livro de Gênesis não é unificado, mas sim uma coleção de textos que não se assemelham às obras literárias modernas. Seus contos originais não tinham a pretensão de traçar uma história coerente, a linearidade do texto faz parte de um processo delicado de junções e acréscimos que envolvem contextos e motivações plurais.

Nesse sentido, vale a defesa de Arens (2011, p.19), de que a Bíblia não tem a ciência natural como seu assunto. Seus escritos não pretendem desvendar a história pelo viés científico ou jornalístico, mas social. Ao relatar os diversos contos sobre a experiência de seres humanos diversos, Gênesis, como é o foco aqui, não pretende oferecer a história do primeiro ser humano no cosmos, mas a história da relação do ser humano com Deus, com o outro e consigo, sob o ponto de vista da fé. Os contos que o compõe estão diretamente envolvidos com crenças e convicções, ou seja, trata-se de construir uma história teológica por meio das muitas histórias que circularam entre seus antepassados e possivelmente os auxiliaram na sobrevivência.